

P R O C Ó P I O

O  
ATOR  
VASQUES

O HOMEM E A OBRA

\* Este livro foi composto e  
impresso nas oficinas de  
José Magalhães, á Rua  
Quirino de Andrade, 59  
São Paulo - 1939



O xadrez é um jogo nobre;  
Nesse campo de combate  
Cavalos, tôrres, e bispos,  
Ao seu rei dão xeque e mate!

Jogavam pois dois parceiros,  
Mas ao rei tão devotados  
Que peões, tôrres e bispos  
Foram todos flauteados.

Flauta, flauta, sempre flauta,  
Todos respeitam seu cetro;  
Mede as gramas na taverna  
E' das fazendas o metro.

Um mancebo está num baile  
(Estuda pra medicina)  
Supondo passar a noite  
Junto da sua Adelina.

Mas coitado, certa velha  
Tôda a noite, em vez da bela,  
O flauteia perguntando:  
"O que é bom pra erisipela?"

Ou então vem o menino,  
Com as mãos que metem nojo,  
Agarrá-lo só dizendo  
"Deixa ver o seu relajo".

E quando às vêzes na casa  
Há um moleque estimado,  
Cuja prosa deixa o moço  
Para sempre flauteado?...

Diz o moleque, "eu conheço.  
Vosmecê é seu Hilário,  
Namora sinhá Candinha,  
A mulher do boticário."

A flauta pois, meus senhores,  
E' coisa tão elevada,  
Que até às vêzes na campa  
E' a morte flauteada.

Tudo ali, é pó, é cinza,  
Finda-se a dor e o tormento,  
As mortalhas são geladas  
Pelo frio esquecimento!

Mas às vêzes dessas covas  
Onde a carne se consome,  
Ressurge, maior ainda,  
Do finado o grande nome.

Por exemplo: não se explica,  
Ninguém decifra o arcano,  
Ser maior depois de morto,  
O nome de João Caetano!

#### *Couplet*

E com esta vou-me embora,  
Procedo com grande acêrto,  
Vou procurar quem me diga  
Se esta flauta tem concêrto?

Se bem que neste auditório,  
Onde eu vejo boas almas,  
Ela pode concertar-se  
Se me derem muitas palmas

Mas se em vez de muitas palmas  
Vier a chuva de tação  
Direi, olhando pra flauta;  
Que grande flauteação!...

#### CAI O PANO

A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA  
DIAS A PE'!!!

Pelo VASQUES.

A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA  
DIAS A PE'!

## ATO ÚNICO

(Uma sala qualquer).

## JOAQUIM

(*Entra pelo fundo e vem à boca de cena*) — O meu compadre Tibúrcio, é o homem mais teimoso que há nesta vida; tanto teimou que afinal vi-me obrigado a apostar em como era capaz de fazer a viagem a roda do mundo! Sirvam pois os senhores de testemunhas em como eu sem ser Júlio Verne, Dennery, Garrido ou hábil pena, vou provar que... (*canta*):

Sem daquí me retirar,  
Sem mesmo tomar passagem  
Pelas terras do outro mundo  
Vou fazer uma viagem.  
Não preciso de elefantes  
Nem tão pouco de vapores,  
Não quero locomotivas,  
Eu vou a pé meus senhores!...

A pé, hein?! Isto é que é audácia! Audácia e economia! Tremam todos os *Phileas Fogg*, todos os *Passe-par-tout*, a minha viagem vai levá-los de vencida, ou eu não me chame Joaquim Veado. Começemos pois pelo Largo do Paço e sigamos pela rua Direita; para estar em relação com a viagem a roda do mundo, eu podia almoçar no *Globo* porém constame que alí cheira muito ao alho, e eu quero estar na estrada do progresso... Economias... economias... Se não fôsse este propósito, para se fazer uma viagem a roda do mundo, bastava tomar chocolate no *Rio de Janeiro*, almoçar nas *quatro nações*, merendar em *Portugal*, jantar na *Europa*, tomar café na *América*, ceiar em *Paris*, dormir no *Universo*! Sigamos pois a nossa viagem e entremos na Rua do Ouvidor! Oh! que formoso país! Terra das maravilhas! Gruta encantada! Nação eléctrica! Viveiro dos grandes mágicos! Alí não há estrangeiros, são todos cosmopolitas, naturalizaram-se todos! Tudo é cidadão da Rua do Ouvidor! Quem passa, quem mora, quem fala, quem vê, quem ouve, sente-se esmagado ao pêso daqueles perfumes, daquelas fitas, daquelas fadas, daquelas sedas, daquelles charutos, e daquelas empadas de camarões.

Se eu fôsse ministro de estado demitia a rua do Ouvidor; aquela rua está fora do orçamento, não deve ser autorizada

por lei, a Câmara deve, pelo menos, mudar-lhe o nome, pode perfeitamente apelidá-la a *rua dos Pescadores*! Cada loja é uma tarrafa, uma rêde! As vidraças estão cheias de iscas e o pobre peixe que passa por ali não pode deixar de morder o anzol; estão todos nas portas de caniço em punho. Aquí diz um francês: (*imitando*) — *O' senhórr pode praucurrar am qualquer parte, que nom encontre dêste qualidade, por êste preça, eu recebe dêste dirretamente e possa fazer-lhe grande diferença. Se quiser comprar tude, não quer enganar o freguês nom o publike. C'est une liquidation véritable.* Alí mais adiante está um velho barrigudo com um menino pela mão parado defronte de uma vidração; diz o menino: — (*imitação*) — *Oh! seu Antunes... me compra aquilo.* (Aquilo o que menino?) — *Aquele boneco que se puxa pela cordinha para êle jogar com as bolas?* (Oh! menino, pois eu já não lhe dei um rosário de balas e dois pés-de-moleque?) — *Mas eu queria aquilo...* (Depois, depois... amanhã... vamos embora) — *Não vou, se você não me der o boneco eu digo a mãe que você foi pintar o cabelo ali na loja e que deu um beliscão numa moça escura que passou ao pé de nós!* — Mais adiante está parado um grupo de moças na loja de uma modista, ouçamos: (*imitação*) — *Olha Carola, um chapéu irmão do da D. Rita! 16\$000 e ela diz que lhe custou 24\$000. Não sei para que são feitos no Guilherme.* (Nisto passa a D. Rita e encontram-se) — *Oh! D. Rita, como vai? — Oh, Carola, como estás, olha a Maricota como está crescida? — Que anda fazendo D. Rita? — Vou ver se o meu vestido já estará pronto, vocês não vão ao casamento da Quinota? — Não sei, D. Rita. Seu Curvelo anda agora tomando banhos no boqueirão e tem de levantar-se cedo.* — Pois olhem que perdem uma grande festa: adeus Carola! Maricota até sempre. — *Passe bem D. Rita, lembranças à D. Mariana um abraço nas minhas simpatias, e um beijinho na tétia, já viu?* Daí a dois passos: — *3505 anda à roda amanhã... número de palpites, duas garantias, fregueses, não desprezem a sorte!* — *O Cruzeiro a 60 rs. traz notícias importantes: — A Nação a 40 rs. traz o caso do Juiz de Direito que ficou torto! Que país! Vendem o Cruzeiro a três vintens e a Nação a dois.* Mais adiante está uma velha parada defronte de uma vidração de cabeleireiro admirando uma dessas bonecas de cera cujo penteado e enfeites deslumbram a gente, e exclama: *Ah! meu tempo! meu tempo! Eu cá nunca usei cabelos de defuntos, nem precisei de postiços!* O meu Cazuzá andava sempre preso pelo beíço!

Temos à vista novo Pôrto, saudemos a fortaleza de Notre-Dame e entremos no Largo de S. Francisco. País das linhas e dos bondes. Linhas para *Santa Teresa*, linhas para *S. Cristóvão*, linhas para o *Rio Comprido*, linhas para o *Saco do Alferes*, linhas para a *Tijuca*, linhas para o *Engenho Novo*. Linhas... linhas... e sempre linhas! Mas o que é verdade é que apesar de tôdas estas linhas, andam por aí muitos braços e muitas pernas descosidas; alinhavadas apenas pelos pontos-falsos de qualquer boticário. Tomemos pela *Rua do Fogo* e paremos um pouco na esquina do grande país onde se fabrica o Angú! Que inferno! De um lado: — *A bênção papai. O cuê! culelé! O cugerô! O cubabá!* Do outro: — Oh! tia, a como são as laranjas? — *É é, laranja tá caro sinhô, quatro vintém cada um!* — Queres a três por dois? — *Uê, vá comprar na praia sinhô. Vai tu não sejas atrevida. — Atrevida não sinhô, vai pro diabo que te carregue, sinhô não quer comprar não compra. E laranja da china, é chêro!* Fugamos a tôda a pressa, e para não ficarmos doidos dobremos a *Rua do Hospício* e passemos a galope pela *Rua de S. Jorge*, país excêntrico cujos habitantes levam a gritar dia e noite. *O' menino! menino! Traz uma cebola de quatro, dois de vinagre, e meia garrafa de azeite.* Agora que já estamos em meio da viagem, passemos a outro ponto. Ah! compadre do diabo, agora é que vais ver o bom e bonito. Vamos atravessar o Oceano. Lá está a França. Um, dois, três! Pronto, estamos em Paris. *(Canta um pedaço do Soir du Carnaval)* — Lá está a Inglaterra. Um, dois, três! Pronto, estamos em Londres. *(Dansa o solo inglês)* — Visitemos também a Itália. Um, dois, três! Pronto cá estou na grande Scala. *(Canta em Italiano)* — Já agora vamos até a Alemanha. Pronto. *(Imitação)* — O velho Portugal também; já me tinha esquecido. Um, dois, três! Pronto. Cá estou em Lisboa. *(canta o fado)* — E para terminar a viagem voltemos ao Brasil. Um, dois, três. Cá estou no Rio de Janeiro, no Beco da Boa Morte. *(canta e dansa)* — Aonde vai seu Pereira de Moraes.

F I M

## LEGALIDADE

E

## DITADURA

## LEGALIDADE E DITADURA

Atualidade cômica

por

F. C. Vasques

Representada com aplauso geral na noite de seu beneficio a 10 de Junho de 1892.

(Autorizo a representação.  
A. de Gomensoro.  
20 de Maio de 1892).

(Visto. Secretaria de Po-  
licia da Capital Federal.  
24 de Maio de 1892.  
B. Ferreira).

## LEGALIDADE E DITADURA

(Atualidade cômica escrita pelo ator Vasques para ser representada na noite do seu beneficio).

Eu digo sempre a verdade  
E a minha verdade é pura,  
Eu amo a legalidade  
E odeio a ditadura.

Comigo ninguém se enfade,  
Não façam triste figura;  
Se a minha legalidade  
Lhes parece ditadura.